

A FÉ NUA

THE NAKED FAITH

Wesley Knochenhauer Carvalho¹

RESUMO

A fé nua desponta como a forma do *homo sacer* no canteiro da fé. Apropriando-se dos delineamentos legados pela obra de Giorgio Agamben quanto à vida nua, este artigo procura discutir certos elementos que forjam os campos de concentração da religião na contemporaneidade, tomando-os a partir de uma nova e inusitada biopolítica disposta, sobretudo, no cenário evangélico brasileiro. Por meio de vivências, práticas e proferimentos de seus sujeitos de fé, busca-se refletir sobre alguns indícios e efeitos discursivos que sorrateiramente são operados pela fé nua. Conclui-se que os campos de extermínio estão se proliferando de modo ainda mais incisivo no evangelicalismo dos dias que correm, embora suas incursões sejam pouco perceptíveis. Eles não se processam mais por suas mais famigeradas formas de negatividade, moralidade, culpa, condenação, pecado etc, mas por desejo, prazer, positividade, individualidade, êxtase, sucesso e mercado.

Palavras-chave: Fé nua. *Homo sacer*. Místico. Mercado.

ABSTRACT

Naked faith emerges as the form of *homo sacer* in the bed of faith. Appropriating the designs bequeathed by the work of Giorgio Agamben about naked life, this article seeks to discuss certain elements that forge the concentration camps of religion in contemporary times, taking them from a new and unusual biopolitics, especially in the Brazilian evangelical scenario. Through the experiences, practices and utterances of their subjects of faith, we seek to reflect on some evidence and effects of discourse that are surreptitiously operated by naked faith. We conclude that the extermination camps are proliferating even more strongly in the evangelicalism of today, although their incursions are barely noticeable. They are no longer sued for their most notorious forms of negativity, morality, guilt, condemnation, sin etc., but for desire, pleasure, positivity, individuality, ecstasy, success and market.

Keywords: Naked faith. *Homo sacer*. Mystic. Market.

¹Doutor em Literatura, Mestre em Ciências da Linguagem. Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, Brasil. E-mail: wesleykcarvalho@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Certos modos de assujeitamento são capazes de interditar radicalmente sujeitos, quaisquer que sejam, inclusive os da fé. De fato, é possível observar a subjetividade cristã, sobretudo evangélica², engendrando dilaceramentos existenciais profundos no bojo de seus circuitos; porquanto, sua potência despojante e desistorizante da experiência em detrimento da vivência³, podem induzir indivíduos à perda completa de sua força vital à medida que se inscrevem numa inerte e mórbida rotação religiosa: um giro de atordoamentos e clausura, conquanto, por vezes, concomitantemente, encadeando excitação, frenesi e êxtase.

É isso que está por detrás do campo “fé nua”, um modo de intensa dessubjetivação⁴ que faz com que o sujeito tenha sua vontade e liberdade diluídas, e que, instalando-se por uma irresistível legitimação do ordenamento religioso, a partir do adestramento de corpos, impõe-se como matriz oculta. É assim que a fé nua controla, enviesa, objetifica e sedimenta de tal modo o sujeito evangélico que este passa a operar como mera engrenagem de uma máquina de fé. Em seus excursos de infinito impulsionados por medo, esgotamento e desejos de fuga, se bem que permeados de esperança, o fiel, abduzido pelas estruturas de poder eclesiástico, busca preencher com flertes psicodélicos da religião as bolhas de sabão de seu vazio existencial.

Pois bem, este texto procura trazer à tona uma reflexão basilar sobre a dimensão fé nua, partindo de sua elaboração conceitual e rumando para seus desdobramentos contemporâneos. Almeja-se operar uma breve discussão a respeito

² Termos como “evangélico” ou “evangelicalismo” são tomados, neste artigo, em seu sentido amplo, ou seja, fazendo referência aos sujeitos de fé e aos grupos religiosos cristãos que estejam, de algum modo, vinculados ao protestantismo do século XVI. Cabe dizer que os evangélicos no Brasil são predominantemente neopentecostais, ou seja, dão forte ênfase às sensações religiosas e as formas inovadoras de culto, privilegiando milagres, curas, prosperidade financeira etc.

³ Tendo em conta as distinções entre “experiência” e “vivência” delineadas por Walter Benjamin.

⁴ Por “dessubjetivação” não se tem em vista o viés de Michel Foucault, o qual assinala um modo de subjetivação, isto é, uma forma revolucionária de constituição. Privilegia-se a perspectiva de Agamben, tanto pelo modo como esta noção é por ele articulada, podendo chegar inclusive ao seu grau extremo, a saber, a destituição do indivíduo: a vida nua. Num certo sentido, a dessubjetivação pode ser tomada no mesmo plano semântico de assujeitamento. No contexto da fé, trata-se de toda e qualquer forma de mortificação ou negação de si (subjetividade subordinada), seja por doutrinas, moral, conduta: obediência, práticas, sujeição a autoridades e regimes eclesiásticas etc.

dessa noção, bem como sobre seus novos e exóticos modos de apropriação que estão sendo dispostos pela fé evangélica.

2 ANATOMIA DE UMA INTERDIÇÃO

O sintagma “fé nua” correlaciona-se com a noção de “vida nua” que Giorgio Agamben em sua série *homo sacer* toma para se referir aos sobreviventes do campo de concentração do Holocausto nazista, aqueles que foram conhecidos como *muçulmanos*⁵: prisioneiros que perderam sua condição de homens. A vida nua é então uma designação propriamente biopolítica que inscreve um estatuto de caráter paradoxal: a exclusão pela inclusão, visto que os muçulmanos são considerados cadáveres ambulantes, mortos vivos, homens-múmia.⁶ Agamben diz que “o muçulmano é não só, e nem tanto, um limite entre a vida e a morte; ele marca, muito mais, o limiar entre o homem e o não-homem” (2008, p. 62). Por conseguinte, “o muçulmano é o não-homem que se apresenta obstinadamente como homem, e o humano que é impossível dissociar do inumano” (*Ibid*, p. 87). Ele é assim um inominável que se encontra incapacitado de interpretar a sua própria experiência-limite, que se inscreve numa detenção de si, encontrando-se privado de sua liberdade, e isso independentemente de ter sobrevivido ao campo de concentração.

Para evidenciar isso, Agamben cita Bruno Bettelheim, um sobrevivente do campo, que diz que o muçulmano é “alguém que abriu mão da margem irrenunciável de liberdade e que, conseqüentemente, extraviou qualquer traço de vida afetiva e de humanidade” (*Ibidem*). Como ainda observa, “o muçulmano torna-se, aos seus olhos, uma improvável e monstruosa máquina biológica, isenta não apenas de qualquer consciência moral, mas até mesmo de sensibilidade e de estímulos

⁵ “O termo ‘Musulmann’ pertence à gíria utilizada nos campos de concentração e não existe uma unanimidade sobre sua origem e sentido. A enciclopédia judaica diz que se usava em Auschwitz e daí passou para outros lugares. Sua origem poderia ser devido a essa forma de ‘estarem acorados ao solo, com as pernas dobradas ao modo oriental, com a cara rígida como uma máscara’ (REYES, 2005 p. 239). O nome deu pano para múltiplas interpretações: como do alemão *Muschel* (concha), ou do ídiche Mozlmener, que poderia ser traduzido por “homem infectado pelo sarampo”. Sofski resume, no entanto, o sentido mais generalizado ao dizer que “a origem da palavra é desconhecida (Sofski, 1995, p. 400)” (*Apud* GUEDES, 2013, p. 89).

⁶ Citação completa: “O fato segundo o qual, com respeito aos muçulmanos, não se possa falar propriamente de ‘vivos’ é confirmado por todos os testemunhos. Tanto Amery quanto Bettelheim os definem como ‘cadáveres ambulantes’. Carpi denomina-os ‘mortos vivos’ e ‘homens-múmia’; hesita-se em chama-los vivos”, escreve Le a respeito deles” (*Apud* AGAMBEN, 2008, p. 62).

nervosos” (*Ibid*, p. 64). Eis a vida nua do muçulmano, um estatuto delineado por uma indeterminação que acarreta a perda de humanidade, liberdade e sensibilidade.

Agamben empenhou-se por deslocar o próprio território da política que, segundo ele, permanecera durante séculos no mesmo lugar em que a situaram Aristóteles, Hobbes e Marx (2016). Desse modo, a partir de certas correlações, ele instaura a retomada da noção de biopolítica, anteriormente utilizada por Foucault, para operá-la de outro modo. A nota dominante de sua concepção é que a biopolítica não é uma constituição que se processa tão somente na modernidade: “a produção de um corpo biopolítico [é] a contribuição original do poder soberano. A biopolítica é, nesse sentido, pelo menos tão antiga quanto a exceção soberana” (2010, p. 14). Como sublinha Castor Ruiz:

A obra de Agamben faz uma incursão epistêmica no direito e na política pelo viés da vida humana. Ela tenta captar (e capturar) uma tensão muito pouco percebida pela qual o direito e a política ocidentais existem de modo correlacionado com a captura da vida humana. Nesse ponto, Agamben dissente de Foucault ao afirmar que a biopolítica não é uma característica da Modernidade, mas algo inerente à política ocidental desde suas origens. Ainda concorda com Foucault que a modernidade expandiu a biopolítica de forma capilar ao tentar governar de forma útil e produtiva a vida humana, objetivando-a como um mero recurso natural (2012, p. 04).

Em seu projeto, Agamben retoma de Walter Benjamin, num texto de 1921: *Crítica ao poder, crítica à violência*, a categoria *homo sacer*, para descrever uma “figura jurídica paradoxal”, que, conforme Ruiz, “captura a vida humana pela exclusão ao mesmo tempo em que a inclui pelo abandono” (*Ibidem*). Assim, o *homo sacer*, essa figura jurídica romana, dizia respeito ao indivíduo que, tendo sido julgado por sua transgressão, não sofreu ainda sua execução. Essa suspensão jurídica lhe conferia o estatuto de sacro, visto que já havia sido entregue aos deuses.

Paradoxalmente, o *homo sacer* era alguém que não poderia ser sacrificado, conquanto quem o matasse também não seria condenado por homicídio. No *homo sacer*, diz Agamben, “nos encontramos diante de uma vida nua residual e irreduzível, que deve ser excluída e exposta à morte como tal, sem que nenhum rito e nenhum sacrifício possam resgatá-la” (2014, p. 100).

Com essa noção, Agamben mapeia uma nova biopolítica de poder soberano que se constitui pelo estado de exceção e o campo de concentração. Ele também agencia a distinção entre *bios*, uma vida qualificada ou política, e *zoé*, a vida animal,

desprovida de valor, que se constitui como mero viver. Por conseguinte, o filósofo italiano afirma que os dois lados “fora da ordem”: o poder soberano e a vida nua nunca deixaram a sociedade e estão presentes no Estado de Direito e nas democracias ocidentais: “A política ocidental é do começo ao fim biopolítica” (2016).

Mas não apenas isso, Agamben declara que “a prestação fundamental do poder soberano é a produção da vida nua como elemento político original e como limiar de articulação entre natureza e cultura, *zoé* e *bíos*” (Apud CASTRO, 2013, p. 137). Ora, não é por acaso que a vida humana se fragiliza, como nota Juliana Merçon: “Quanto mais se desnuda uma vida, talvez mais presente se torne também o risco de desconexão e vulnerabilização do viver” (2011, p. 100). É desse modo que se instala uma circularidade biopolítica: a soberania desnuda, vulnerabilizando, e no girar de suas engrenagens intensifica-se a produção de vida nua.

Sob esse aspecto, cumpre referenciar a vergonha como um dos principais índices da vida nua. Apoiando-se em Lévinas, Agamben diz que a vergonha “fundamenta-se na impossibilidade de nosso ser de *dessolidarizar-se* de si mesmo, na sua absoluta incapacidade de romper consigo próprio. Se, na nudez, sentimos vergonha é porque não podemos esconder o que gostaríamos de subtrair ao nosso olhar, porque o impulso irrefreável de fugir de si mesmo encontra seu paralelo em uma impossibilidade, igualmente certa, de evadir-se” (2008, p. 109). E continua:

Envergonhar-se significa: ser entregue a um *inassumível* [*inassumibile*]. No entanto, este *inassumível* não é algo exterior, mas provém de nossa própria intimidade; é aquilo que em nós existe de mais íntimo (por exemplo, a nossa própria vida fisiológica). O eu é, nesse caso, ultrapassado e superado pela sua própria passividade, pela sua sensibilidade mais própria; contudo, esse ser expropriado e dessubjetivado é também uma extrema e irreduzível presença do eu a si mesmo. É como se nossa consciência desabasse e nos escapasse por todos os lados e, ao mesmo tempo, fosse convocada, por um decreto irrecusável, a assistir, sem remédio, ao próprio dismantelamento, ao fato de já não ser meu tudo o que me é absolutamente próprio. Na vergonha, o sujeito não tem outro conteúdo senão a própria *dessubjetivação*, convertendo-se em testemunha do próprio desconcerto, da própria perda de si como sujeito. Esse duplo movimento, de subjetivação e dessubjetivação, é a vergonha (*Ibid*, p. 110).

Para Agamben, a vergonha é o conteúdo da própria dessubjetivação. Ou como diz Oswaldo Giacóia Júnior, trata-se de “um paradoxo pelo qual o sujeito vem a si pela via da negatividade, por uma transcendência que o leva tanto àquilo que

intimamente o define quanto a uma alteridade que não tolera reconhecer como constitutiva de si” (2015, p. 12).

É nesse sentido que o plano da fé nua se constitui como transposição do plano da “vida nua”, a qual já fora tomada do cenário sacro pela figura do *homo sacer*, para ser operada outra vez por uma topografia sagrada, qual seja, a da mística religiosa mobilizada pela fé evangélica.

É verdade que a fé nua como inscrição da vida nua não é uma operação recente. A própria vergonha – uma das facetas da vida nua –, historicamente, é um dos elementos mais acionados nos campos de extermínio eclesiásticos. Sabe-se que, na tradição cristã, os sujeitos pecadores são comumente convocados a assumir a culpa e a vergonha de si, tanto por sua condição caída/pecado original quanto por seus feitos no corpo/práticas de impiedade, desejos lascivos, pensamentos impuros etc. Pela própria confissão cristã, os cristãos são submetidos ao poder pastoral e ao seu aparelho institucional sujeitando-se a formas rigorosas de vigilância, disciplina e mortificação de si.

Os campos de concentração da fé são potentes o suficiente para, de um modo lento e doloroso, eliminar não somente o corpo, mas também a alma de seus prisioneiros, os quais, pretextando liberdade, como cadáveres ambulantes, eram incapazes de fugir de suas masmorras. Entre julgamentos, inquisições, juízos e humilhações, quantas não foram as formas de desjuridicização veiculadas pelas câmaras de gás eclesiásticas? Quantos não foram tolhidos de vida, paz, liberdade e bens por não conseguirem se desvencilhar dos pesados grilhões da fé? Em nome de uma soberania superior, quantas não foram as formas de suspensão do direito promovidas pela religião?

Tal engendramento advindo da fé nua é capaz de objetificar o sujeito fiel e precipitá-lo, pelo simbólico, nos desfiladeiros de sua própria defasagem existencial, aprisionando-o nas amarras de si. Na fé nua, que pode ser tão antiga quanto o *homo sacer*, o indivíduo assujeitado se constitui como aquele que tem, no jogo de verdade da fé, a sua humanidade e experiência ameaçadas, tal qual o muçulmano do campo de concentração. De fato, tal meandro, mobilizado por uma soberania religiosa, pode operar, silenciosa e sutilmente, uma biopolítica invasivamente profunda e perigosa, que, estabelecendo regimentos internos autônomos de controle de condutas, é capaz de levar o sujeito fiel a ter rompida a continuidade entre o seu mundo e o Eu.

3 CAMPO DE CONCENTRAÇÃO: ANDANÇAS E POSITIVIDADE

No universo contemporâneo da fé evangélica, nem sempre os dispositivos se processam pela negatividade, exigindo do fiel uma reclusão de si que o conduza à salvação vindoura.

No epicentro de uma era digital, de montagem, edição, efeitos de câmera, manipulação de dados, *fake news* etc, não é de se espantar que a massa de fé também esteja sendo arregimentada pela força da mídia digital e das redes sociais.

Com tanta concorrência no mercado, os pregadores de plantão, bem como as estruturas de fé, agora, já começam a se preocupar em atrair, inovar, constituir-se *youtubers*, granjear visualizações, inscrições, *likes*, seguidores.

Inevitavelmente, a “positividade” começa a operar fortemente na discursividade evangélica contemporânea, sobretudo do século XXI, trazendo uma significativa mudança na pauta de fé: ela é bem “mais leve e agradável” do que a do século anterior. Mais do que nunca, fala-se de uma vida de ganhos, lucros, sucesso, rendimentos, riquezas, prosperidade, sem necessariamente requisições de mortificação e demandas de abnegação da vida presente em detrimento do glorioso porvir, ainda que os vernizes moralistas permanecem nos modos mais conservadores.

Não há dúvidas de que rupturas muito bruscas podem levantar suspeitas. Por isso, ser sutil para poder articular suas novas e suaves ênfases parece ser o melhor caminho para quem pretende docilizar tanto os “velhos” evangélicos (ou seja, os que apresentam mais vinculação moral e doutrinária), como os “novos” (mais absorvidos pela contemporaneidade e de menor vinculação com a fé cristã).

Em tudo isso, porém, não se deve imaginar que a fé evangélica contemporânea deixou de interditar e não entoa mais suas canções de morte. Evidentemente, sua mudança foi tão somente tática, porquanto seus assujeitamentos ainda permanecem profundos.

A própria transitividade religiosa parece esconder determinadas sutilezas enclausurantes. Eduardo Coutinho dirigiu o documentário *Santo forte* [1999], no qual põe em cena a religiosidade popular, trazendo depoimentos e experiências de fiéis. Num dos casos, ele entrevista Vera, que narra alguns fatos ocorridos durante suas andanças de fé.

Vera: A minha religião que eu tive não foi por opção, né?! Eu nasci dentro do espiritismo, né?! Minha mãe já era espírita. Chamavam de “Médium de berço” [...] Mas eu nunca tinha trabalhado com nada disso. Minha avô já tinha me explicado antes que [...] normalmente né?! o povo de rua.. Exus, Pombas gira [Entidades espirituais] não podem nunca vir de [...] [Vera fala sobre sua Mãe]: Quando ela não ia no terreiro de macumba... que ela ficava muito tempo sem ir [...] que ela ia [...] ela ficava meio que em transe.. e jogavam ela [as entidades espirituais] de um lado para o outro a ponto de no dia seguinte ela não poder trabalhar [...] Inchava os joelhos [...] era uma coisa horrível, quer dizer... era um deus que você é obrigado a servir [...]

Eduardo Coutinho: Qual foi o momento de crise que te levou a entrar na Universal?⁷

Vera: Foi o rompimento com meu ex-noivo. Essa pomba gira mandou me avisar, que eu já tinha brigado com ele várias vezes... Era ela que fazia isso [...] foi tirar a aliança uma próxima vez do dedo que eu nunca mais iria colocar [...] E eu sei que eu gostava dele, e ele gostava muito de mim... a maioria das pessoas que conviviam com a gente não entendeu porque tudo terminou também [...] E assim esse rapaz veio depois a se viciar, ficou viciado em drogas, entendeu? Ele ficou péssimo também... Ele passava pela minha casa gritando o meu nome, era um rapaz que gostava de mim, mas a gente não conseguia ficar perto um do outro [...] Aí eu comecei a procurar [...] Eu comecei a fazer visita em outras igrejas, tá? Até o dia em que eu encontrei a Universal. Eu cheguei na Universal eu encontrei lá as entidades que eu costumava ver.

Eduardo Coutinho: E por que você saiu da Universal e foi pra outras evangélicas?

Vera: Olha só! Eu tive um aborrecimento [...] Não diretamente ligado à Universal, mas eu acho que, como a assembleia se pronuncia num caso como o meu, porque eu era casada, dentro da igreja até, eu conheci um rapaz, tava trabalhando na igreja, a gente começou a ir na igreja juntos [...] Esse rapaz, ele conheceu uma menina dentro da igreja [...] Eu tava casada, ele era líder de um grupo jovem, era responsável por um grupo jovem [...] e a menina era uma dessas meninas, era uma dessas jovens do grupo né [...] E ele se envolveu com essa menina, e se separou de mim pra ficar com essa menina [...] E eu frequentei a igreja ainda por muito tempo e conversando ali com o casal... na verdade era o meu esposo eu... e o resto eu conversei com [...] com o pastor [...] ele veio conversar comigo e disse que eu deixasse isso pra lá, que [...] que eu fosse viver minha vida e deixasse isso pra lá [...] que o meu ex marido era um homem de Deus.. e a menina que tava com ele também [...] e eu fiquei pensando o que que eu sou nessa história, né? [...] Ela é uma mulher de Deus e eu, a esposa?

Eduardo Coutinho: E hoje você frequenta alguma igreja?

Vera: Olha só, eu vou muito a [...] eu vou muito a Metodista que é muito boa. Eu vou na Assembleia de Deus também [...] eu faço visitas pra congregar (SANTO FORTE, 1998).

Vera, que na infância fora introduzida na Umbanda, passou a congregar na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), após o rompimento de seu noivado. Depois de algum tempo, porém, decepcionando-se com essa igreja, começou a procurar outra, vindo a perambular por uma série delas.

⁷ Uma referência à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), do bispo Edir Macedo.

É notável a quantidade de ambientes religiosos citados por Vera. Além da Umbanda e da IURD, ela menciona a Igreja Metodista, que é do ramo evangélico histórico-confessional, e a Assembleia de Deus, uma igreja pentecostal clássica.

Observa-se a sua fácil adaptação aos mais distintos terrenos de fé. Ela transita por quatro tipos distintos de ambientes e sua única objeção, bem pontualmente, se dirige à Umbanda, e isso devido às experiências religiosas de sua mãe: quando esta ficava algum tempo sem participar dos cultos, ao retornar, sempre se machucava ao incorporar.⁸ Mostrando-se descontente com isso, Vera diz: “era um deus que você é obrigado a servir”.

Tendo dito isso, realinhando as palavras de Vera, pode-se dizer que a sugestão dela é que um ambiente de fé ideal deve proporcionar um encontro com um deus no qual você não é obrigado a servir. Ora, em oposição a uma religiosidade assujeitante, o que lhe interessa é destacadamente uma forma de subjetivação religiosa que se constitui por um princípio (ao menos aparente) de liberdade. Noutras palavras, ela almeja se subjetivar de forma livre e dócil.

A fé nua parece incitar ou incapacitar o agenciamento crítico de seus fiéis. É notável a forma como Vera transita por distintas malhas da fé sem perceber qualquer diferença substancial entre elas. Isso aponta para certas operações de ordem subjetiva (não objetiva) e alinhamentos não reflexivos, até sincréticos, que estão se alinhando no universo contemporâneo entre os sujeitos religiosos em suas andanças de fé.

Outras ações táticas do canteiro evangélico também não podem ser negligenciadas. Com o leque de igrejas e atrações de fé incidindo sobre seus sujeitos, estes são assim desindividuos e se tornam produto de uma coletividade impessoal. O historiador Eduardo Maranhão Filho chega a dizer que algumas igrejas, na tentativa de atrair fiéis, chegam a propor um certo *marketing de guerra santa*, que, conforme explica (aplicando esta expressão a certas práticas da igreja Bola de Neve *Church*), é “a criação, apropriação e ressignificação de estratégias de gerenciamento militar e/ou empresarial efetuadas pelas agências religiosas”, que se

⁸ A incorporação é um momento do ritual religioso da Umbanda no qual o sujeito de fé entra em transe em razão da presença de algum espírito (santo, orixá ou entidade) agindo sobre seu corpo. Em contrapartida, os evangélicos nominam isso de possessão espiritual e consideram seus agentes espirituais, os espíritos que tomam ou entram no corpo dos sujeitos de fé, como demônios (seres espirituais do mal).

marcam “por um contexto ultraconcorrencial e de *entre-lugares religiosos*, no qual as estratégias – bem como as próprias agências religiosas, com seus produtos e mercadorias – são caracterizadas por deslocamentos e hibridismos, moldando-se a fim de criarem e atenderem demandas específicas” (2012, p. 125-126).

Ora, certas agências de fé, sobretudo neopentecostais, com seu forte apelo propagandista, transpondo, inclusive, conceitos de *marketing* para o canteiro religioso, não somente se ajustam ao mercado como também vendem seus produtos de fé, recrutando fieis para suas fileiras a partir de suas estratégias de guerra.

É justamente isso que Fernando Alves observa com respeito ao neopentecostalismo. Ele “inova na sacralização do profano: promove e difunde artistas supostamente convertidos à fé cristã. Artistas que aparecem em eventos de massa promovidos pela igreja: passeatas e paradas de rua, repletas de trio elétricos e carros de som. O mercado da fé se expande com a venda de broches, adereços e camisetas” (2008, p. 319).

De fato, perambulando pelos mais distintos espaços de manifestação religiosa, os sujeitos evangélicos acabam se dissolvendo ao mesmo tempo em que agregam à sua religiosidade novos elementos. Essa diluição-disseminação religiosa se constitui como um dos principais motivos pelo qual o evangelicalismo tem ganhado tanta força e projeção.

E se noutros tempos “cabeças rolariam” com tais hibridizações, o espírito da época agora é outro. O que outrora fora sinal de enfraquecimento teológico, se constitui, no presente, a força que mobiliza a expansão e orgulho evangélico. É assim que o universo religioso contemporâneo observa, ante seus olhos, a pulverização de fronteiras: as grandes discontinuidades já não são mais tão evidentes nos espaços de fé, embora ainda seja possível encontrar de tudo na vasta constelação religiosa.

Não obstante, é mister que não haja equívocos nesse campo visto que a livre circulação inter-religiosa, por vezes sincrética, não deve ser tomada como indicativo de que o sujeito de fé tenha conquistado sua autonomia e maioria. Longe disso, o que parece é que a subjetividade cristã, subsumindo-se pela fé nua, esteja vivenciando sua mais profunda fantasmagoria, uma vez que as formas mais dessubjetivantes (assujeitantes) podem estar se instalando por outros modos no calabouço de uma hibridização religiosamente manipulada.

“Forças de que vem de fora” podem estar girando suas engrenagens e fazendo com que sujeitos fieis sejam ricocheteados pelos mesmos planos simbólicos, enquanto transitam por diversas topografias eclesiásticas. É assim que, enredados pelos repetitivos circuitos objetificantes, eles passam a se constituir de forma ainda mais incisiva pela fé nua: docilizando-se pela sensação de prazer e liberdade, curvando-se ante as mesmas regras de validade de seus proferimentos.

4 FÉ NUA: O MÍSTICO E O MERCADO

A transitividade religiosa é apenas um dos aspectos que retratam a tendência da sociedade contemporânea de inscrever-se pela individualidade. E ainda que isso traga a impressão de um quase insuperável desafio para as comunidades de fé, no sentido de que precisam exercer domínio, controle de corpos e conduta, agregando fiéis numa era transitiva e individual, a verdade é que elas sabem movimentar muito bem as peças do tabuleiro e fazer com que todos os ventos soprem a seu favor.

Para tanto, a fé nua tem instalado sua biopolítica, articulando uma nova forma de uso dos corpos – como já dito –, não tanto instigando as antigas e virtuosas formas de ascetismo cristão: pobreza, sofrimento, obediência e mortificação, mas formatando o espetáculo, o belo, a saúde, o sucesso.

Surgem grupos de fé oferecendo produtos sofisticados, inovadores, capazes de competir no mercado de prazer, entretenimento e finanças, inclusive. Em tudo isso vê-se os mais letais agulhões da fé nua: sua capacidade de anestésiar a alma, manter sujeitos, quaisquer que sejam, sob controle, reclusos em seus campos de concentração: inebriados por uma frágil sensação de prazer e felicidade.

E se o mercado evangélico recentemente viu a espetacularização de seus cultos com a inserção do gospel, dança e coreografia, isso não foi nada em comparação com o que está sendo incorporado. O “ato profético”, por exemplo, é uma das novas atrações. Trata-se de uma espécie de performance de êxtase religioso (“unção”) que se marca por transes, frenesis, espasmos místicos e que podem ocorrer também na forma de danças, cantos, risadas e até imitação de animais. São ações declaratórias que investem de poder sobrenatural a certos agentes de fé (lideranças evangélicas, cantores, ministros de louvor etc), levando-os a enunciar palavras e realizar atos performativos de natureza espiritual.

Uma das formas de ato profético mais intrigantes envolveu o mais bem-sucedido grupo musical evangélico brasileiro: o *Diante do Trono* – integrado à Igreja Batista da Lagoinha (com sede em Belo Horizonte-MG) –, mais especificamente, a sua cantora e líder, Ana Paula Valadão. Num determinado show ocorrido em Anápolis-GO, no dia 26 de maio de 2007, ela, após criar alguns cânticos espontâneos ou de improviso, foi tomada por uma forma de ato profético que veio a ser conhecido como a “Unção do leão”, passando a engatinhar desorientada – ou espiritualmente – pelo palco e a gesticular como se estivesse rugindo, simulando o andar de um leão. A forma como isso se deu, as palavras de ordem proferidas na forma de cânticos, com gestos exacerbados e o envolvimento frenético de todo o grupo musical que a acompanhava provocaram estarrecimento até mesmo por parte das alas de maior abertura mística do evangelicalismo nacional.

Mas ela não parou por aí, mais recentemente Valadão alardeou o cenário evangélico trazendo outra forma de ato profético. Dessa vez, enquanto palestrava para mulheres no “Congresso Extraordinário de igrejas da Assembleia de Deus”, ela desenvolveu um novo modo de unção com óleo. Isso foi publicado no dia 03 de setembro de 2019, no *Diário da Amazônia*, tendo como manchete: “Ana Paula Valadão unge a si mesma em ato profético”:

Mais de 10 mil mulheres estiveram presente em um evento exclusivo para elas. Portanto, o que realmente chamou a atenção dos internautas foram as fotos de um determinado momento do culto, aonde a cantora toma um verdadeiro banho de óleo, supostamente unguindo a si próprio. Outras mulheres também foram unguidas por Ana, em um possível ato profético ou outro tipo de ritual”.⁹

Figura 1 – Foto de Ana Paula Valadão unguindo a si mesma.



Fonte: Foto do congresso da IEAD no Amazonas disponibilizada pelo Diário da Amazônia¹⁰

⁹ *Ana Paula Valadão unge a si mesma em ato profético [...]*, 2019.

¹⁰ *Ibidem*.

Entre os evangélicos, hoje, a unção com óleo é uma prática mais vinculada aos pentecostais e neopentecostais, sendo utilizada em situações especiais da vivência religiosa, como na ordenação de alguém para o ofício eclesiástico¹¹ e na oração pelos doentes. Trata-se de um ato de transmissão de poder espiritual que é concedido àqueles que são ungidos com óleo. A rigor, é uma prática de competência dos oficiais da igreja ou pessoas devidamente delegadas para este serviço. Ora, é surpreendente a forma como Valadão se apropria dessa prática unguindo a si mesma, e fazendo isso de modo espontâneo, deliberado, por si, em nome de uma pulsão mística.

Outra prática, o exorcismo, tem recebido modulações bastante espantosas no Brasil. A IURD é a igreja de maior destaque atuando nessa área, destacando-se por explorar esse terreno e trazer inovações tais como as conversas-entrevistas ao melhor estilo *talk shows* com demônios,¹² as quais ocorrem durante seus cultos, muitos deles transmitidos pela Record TV em suas programações pela madrugada.

Os psicólogos Gustavo Ramos Neto e Maurício da Silva Jr. comentam: “Se as igrejas neopentecostais [...], por um lado, buscam a inspiração pelo Espírito Santo, por outro estreitam seus laços com o extremo oposto: o Diabo” (2010, p. 776). É o que pode ser observado, por exemplo, com a própria cantora Valadão, que num de seus vídeos no *youtube* afirmou ter composto uma música para o diabo.¹³ Sua intenção parecia ser mesmo a de zombar do capiroto, o que também pode ser considerado uma forma de reversão-retaliação dos agouros malignos e seus *bullyings*, já que é o diabo quem costuma traquirar com as pessoas. De todo modo, inusitadamente, com essa música, Valadão se introduz numa dimensão espiritual às

¹¹ No contexto evangélico, pode se referir à ordenação ou consagração de oficiais para o serviço da igreja, isto é, pastores, presbíteros, evangelistas, obreiros, missionários, diáconos etc.

¹² Os “demônios” são tomados como seres espirituais do mal que ocupam/possuem o corpo de pessoas sem fé trazendo grande malefício às suas vidas. Um dos propósitos desta prática na IURD é justamente mostrar o poder espiritual que sua igreja e seus pastores têm para desfazer as obras de demônios. Isso serve como uma forma de publicidade dos serviços oferecidos pela igreja.

¹³ Esta canção de Ana Paula Valadão é intitulada *Mais que vencedor* e pertence ao álbum *Príncipe da Paz* [2007]: “Em Jesus sou mais que vencedor / Você pensa que vai me fazer tropeçar? / Você pensa que vai me fazer cair? / Você não se cansa de me tentar / Mas eu não me canso de te resistir / Você quer saber quem vai vencer? / Te digo: Maior é o que está em mim / Bem maior é o que está em mim / Eu me cansei sim, de você / Eu me cansei de acreditar em suas mentiras / Não sou mais seu escravo e agora em mim habita / O Espírito de vida que me faz vencer / Em Jesus sou mais que vencedor / Você pensa que vai me fazer parar? / Você pensa que vai me fazer desistir? / Você não se cansa de me afrontar / Mas eu não me canso de te resistir / Quem vai retroceder, é você / Mas eu vou avançar e chegar ao fim / Coroa de vitória é o que vou receber / E no lago de fogo você vai arder” ([201-]).

avessas: em vez de fugir dos seres malignos, ela se põe na esfera das trevas para dar uma lição ao demônio.

Cabe também salientar que, ao longo da história da música cristã, as referências ao diabo ou às suas obras malignas sempre foram indicadas de passagem e em terceira pessoa do discurso. Agora, porém, com Valadão, que compõe uma canção imprecatória para o diabo, dirigindo-se a ele em segunda pessoa, tem-se não apenas os sinais de algo inédito e original, mas também da exacerbação do místico no canteiro da música evangélica contemporânea.

Ora, é bem isso que parece envolver as maiores igrejas evangélicas do Brasil e seus principais líderes – diga-se: principais igrejas e líderes, ou seja, não é um fenômeno periférico de grupos evangélicos marginais –.

Na Conferência Catalise, cujo tema foi “Invasão Sobrenatural”, ocorrida em Tubarão-SC, o pastor Carlito Paes, da Igreja da Cidade, em São José dos Campos-SP – uma das maiores igrejas do Brasil com mais de 15 mil membros –, descreve como recebeu uma ligação telefônica sobrenatural:

[...] Quem acredita que Deus usa anjos? Eu já recebi uma ligação de um anjo. Eu tenho essa história pra te contar, eu tava na montanha, Deus me pediu um retiro. [...] E naquele instante o sol pegou em mim e eu tive um momento tão especial de visita com Deus, de oração, choro e de derramar no Espírito Santo. E aí depois as árvores voltaram para o lugar, eu voltei para o meu apartamento, no meu quarto da pousada e tava muito impactado. Na hora do almoço o telefone tocou, e era um *iPhone* [*smartphone* da *Apple*], e apareceu lá, tocou e eu estava com a dona da pousada, ela assim, ela veio me fazer companhia porque eu estava sozinho, a irmã Márcia. Ela na minha frente, eu do outro lado da mesa, o telefone tocou. Quando o telefone tocou, eu olhei, eu vi que tava bloqueado e eu achei que era o pastor Fabiano. Quando eu atendi eu falei: Fala filho!.. e a voz do outro lado.. aqui quem está falando é da parte do Senhor – e com aquela voz assim tão linda –, é Miguel que tá falando! Queridos, eu não tenho nenhum amigo Miguel que me liga no bloqueado! Eu não tenho nenhum amigo que tem aquela voz. – Eu já contei esse testemunho na nossa igreja com a Márcia sentada na minha frente –. E eu comecei a ouvir: *ahrramhh...* e ele me entregou algumas palavras, algumas de cunho mais pessoal, mas outra é que.. o meu ministério, a minha vida pessoal e inclusive as minhas finanças iriam entrar num outro patamar. Queridos, até ali eu tinha uma outra realidade de ministério, uma outra realidade de finança, eu tava muito já cansado *éh* ficar no especial, de ficar *éh* de chegar no final do mês com quatro filhos; uma grande igreja, mas eu sempre tive uma... uma vida muito... – quem tá aqui comigo sabe disso... – e Miguel falou assim: só nunca fique orgulhoso e nunca deixe de repartir! – E eu tô ali... eu já tô no céu... e aí Márcia: Pastor, pastor, é o pastor Fabiano? E eu.. quieto [voz bem baixa].. eu tô ouvindo.. E aí daqui a pouco terminou, continuou bloqueado.. e eu [...] não é Fabiano, Márcia! [Longo silêncio] É Miguel! Miguel!!! [Longo silêncio, comoção] Queridos, no meu espírito, desde o momento de lá da cachoeira [isto é, na floresta em oração], até aquele

momento na frente da Márcia, não foi uma ligação qualquer, um anjo de Deus ligou pra mim da parte do Senhor, me entregou uma palavra pessoal, palavra sobre o ministério e palavra sobre finanças, todas elas aconteceram [no sentido de que o ministério ou serviço na igreja teve um grande crescimento e as suas finanças melhoraram acintosamente] (Carlito Paes, 2019).

Ora, essa experiência narrada por Paes, recebendo uma ligação telefônica do anjo Miguel, se constitui como uma amostra intrigante da relação entre a intensificação do místico e a intervenção do mercado na forma de sucesso financeiro, que parecer ser uma das marcas sobressalentes do evangelicalismo contemporâneo.

A dramática das relações entre humanos e anjos tem ganhado relevos bem curiosos nos dias atuais, tal como essa relatada por Paes alegando ter recebido uma ligação de Miguel, o maioral ou mais poderoso dos anjos de Deus: um arcanjo.¹⁴ De fato, se já é algo surpreendente ter contato com um anjo, quanto mais se esse anjo é justamente o arcanjo Miguel. Mais fantástico ainda, entretanto, é o modo como isso se dá, por um telefonema; mas não através de um aparelho qualquer, por um *iPhone*, da *Apple*, a mais famosa linha de smartphones do mercado.

O discurso de prosperidade financeira dos evangélicos tem sido amalgamado de tal forma pelo místico, que se tornou a pedra de toque dos modos de operação hodierna da fé nua. Não é à toa que Paes fez questão de ressaltar que após ter recebido o telefonema do anjo sua vida financeira e ministério pastoral deram um salto de sucesso sem precedentes. Isso é uma forma de amostrar o quanto que a experiência mística tem sofrido uma espécie de banalização de sua aura, sendo reduzida ao seu valor de mercado, e se tornado não mais o momento sublime da religião, mas mera massa de obra nas mãos do poder pastoral em seus interesses de mercado.

Outra conjugação de caráter neoliberal que se articula pela venda do místico, porém agora em cursos motivacionais, é a Escola do Sobrenatural: a FSSM (*Florianópolis School of Supernatural Ministry*), que instalou-se em Florianópolis-SC e segue prometendo um futuro brilhante e cheio de conquistas aos seus discentes.¹⁵

¹⁴ Miguel é mencionado na bíblia em Apocalipse 12.7-9 e Judas 9.

¹⁵ Noutros momentos da história evangélica o estudo teológico foi conhecido por inibir os fiéis em sua busca por experiências místicas. Nos dias que correm, porém, essa relação já não parece mais existir, visto que o sobrenatural tem se tornado um produto de empenho de certas escolas teológicas.

Basta considerar a imagem abaixo para perceber que a FSSM deseja comunicar a mensagem de que sua escola é capaz de produzir heróis (“super-homens”) que “salvarão” (ao menos) a cidade de Florianópolis mediante o poder do sobrenatural.¹⁶

Figura 2 – Imagem de um super-herói contemplando a cidade de Florianópolis.¹⁷



Fonte: Imagens disponibilizados na página de apresentação da FSSM¹⁸

Os novos modos contemporâneos de ação paraeclesialística aproveitam também para arregimentar sua biopolítica agenciando formas de gestão de sucesso ao fornecer revitalização a igrejas que aderem aos seus serviços. Um desses é a organização *Dunamis movement*,¹⁹ que se define como “um movimento cristão, paraeclesialístico, cujo foco é um avivamento sustentável” (2019). Téo Hayashi, fundador do movimento, em seu vídeo promocional no *youtube*, diz que “o *Dunamis movement* é um bando de jovens que se juntou e começaram a sonhar os sonhos de Deus de ver um avivamento que varreria pela face da terra” (NEXT LEVEL, 2017).

¹⁶ Ideia claramente comunicada pela imagem a seguir, de um jovem de boa compleição, num lugar alto, vestido de super-homem, contemplando a cidade de Florianópolis.

¹⁷ Nesta imagem, o jovem “super-herói” contempla ao fundo a ponte Hercílio Luz, o principal símbolo da cidade de Florianópolis-SC.

¹⁸ Página da FSSM: Disponível em: <https://www.escoladosobrenatural.com/>. Acesso em: 22 jun. 2020.

¹⁹ *Dunamis* é a transliteração do termo grego *dunamiv*, que significa “poder”, “força”, “autoridade”.

Figura 3 – Jovens do Dunamis Movement.



Fonte: Página da *Dunamis Movement* na internet.²⁰

A forma como o *Dunamis* se inscreve na sociedade evangélica instiga reflexões. Uma delas diz respeito à sua identidade visual e estratégias de *Branding*.²¹ Nota-se na figura acima uma intencionalidade discursiva. Nesta imagem, o jovem à direita, bastante animado, levanta nas mãos uma cadeira de rodas, o que parece trazer a mensagem de que naquela esfera religiosa os milagres são comuns e ocorrem de forma vibrante.²² Na mesma imagem, o jovem à esquerda, de postura sisuda e semblante compenetrado, com o microfone não mão, dá indicações de que seu proferimento deve ser levado a sério. Sua mensagem parece desafiar seus ouvintes (e os que visualizam tal imagem) a se unirem a eles em sua missão. Distribuindo estes dois jovens num mesmo enquadramento, o discurso que o *Dunamis* parece querer evocar é o de que sua organização está comprometida com a fé evangélica, e isso se processa de uma forma empolgante, entusiasmada, nenhum pouco “chata”, antiquada ou retrógrada. É o que, a rigor, sugeriria qualquer imagem que apresenta jovens motivados, simpáticos, descontraídos e que se vestem de forma bem leve (não utilizando indumentária religiosa). Aliás, este último aspecto, a produção de satisfação e sentimentos agradáveis, é fulcral numa era tecnológica, neoliberal, de forte concorrência entre os próprios grupos religiosos de uma mesma ordem de fé.

²⁰ Dunamis movement, [201-].

²¹ “*Branding* é a gestão de marca com o objetivo de torná-la mais conhecida, desejada e positiva na mente dos seus consumidores. O *Branding*, ou *brand management*, envolve ações relacionadas ao propósito, valores, identidade e posicionamento da marca” (SULS, 2019). Disponível em: <https://rockcontent.com/blog/branding/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

²² Uma imagem que mostra uma cadeira de rodas vazia num hospital tem uma significação; porém, outra mensagem é comunicada quando se tem uma cadeira de rodas vazia num ambiente evangélico (como pode ser observado na imagem em questão). Há uma inevitável relação entre a cadeira de rodas vazia e o milagre, sobretudo pela forma feliz e entretida como um dos jovens toma a cadeira num momento de culto cristão.

Em face do prazer e do bem-estar de todos, a própria pregação, momento central do culto cristão, que até então se marcava como um ato solene tomado por palavras graves e confrontantes, paulatinamente, começou a se tornar mais simpática, agradável, atrativa, divertida. Até o humor, que, como salienta Franciely C. Freitas, “não é característico do campo da religião” (2017, p. 47), passou a ser bastante requisitado.

Nessa direção, como um dos mais engraçados, destaca-se o pastor Cláudio Duarte, líder da igreja “projeto recomeçar”. O site *Gospel Geral* diz que Cláudio tornou-se um dos pastores mais requisitados do Brasil. Ele ministra seminários, palestras, pregações e shows de *stand-ups*, tendo uma média de 20 a 25 eventos por mês. O bom humor empregado pelo pastor em suas pregações deu-lhe destaque e uma ótima aceitação. Até movimentos católicos e corporativos fazem questão da presença do pastor para dar palestras sobre família etc (2018). E o *Correio Braziliense* publicou em 29 de novembro de 2019 o seguinte no seu caderno “diversão e arte”: “Essa forma irreverente de pregação faz com que o pastor conquiste públicos de outras religiões ou que não têm nenhuma, mas buscam uma interpretação mais leve do cristianismo” (2019).

Mas nem só de *stand-ups* e mensagens bem-humoradas vive a contemporaneidade evangélica. Floresce uma certa teologia *coaching* ou *coaching* pastoral/*coaching* ministerial,²³ cuja mensagem motivacional – pautada pelo “bom e velho discurso de auto-ajuda” – é capaz de fazer com que o sujeito fiel extraia a “melhor versão de si”.

Os pastores-*coaching*,²⁴ amiúde, celebridades da mídia social, na sua maioria são jovens de estilo “descolado” e de boa comunicação. Um dos mais conhecidos *coaches* evangélicos da atualidade é o joinvilense Deive Leonardo. A respeito dele, numa reportagem publicada pela Revista Veja: *Quem é o pastor Deive Leonardo, o ‘parça’ do bem de Neymar*, João Batista Júnior diz:

Durante o terremoto causado pela noitada em Paris com Najila Trindade, Neymar recorreu às mensagens de fé, esperança e autoajuda do pastor catarinense Deive Leonardo. “Não conhecia o Neymar; quando vi, ele havia

²³Não é uma prática que se restringe aos evangélicos, há modos de *coaching* ministerial na própria Igreja Católica Romana.

²⁴ Deve-se dizer que nem *coach* evangélico é um pastor.

postado duas mensagens minhas em seu Instagram”, comemora o pastor. Os dois se encontraram recentemente em um jogo da seleção, selando a amizade do novo “parça” do bem. Deive tem 29 anos, mora em Joinville e soma 3,1 milhões de seguidores no Instagram.²⁵ Com muitos convites para cultos-shows, ele contratou o mesmo escritório que cuida das carreiras de Simone & Simaria e Whindersson Nunes. “Não farei mais de quinze apresentações por mês, pois não posso falar em valorizar a família ficando muito tempo fora de casa”, diz. Pregador das redes sociais, Dave está em negociações avançadas para ter uma série religiosa na Netflix (2019).

Figura 4 – Imagem de Deive Leonardo com Neymar Jr., jogador de futebol.



Fonte: Página da VEJA na internet.²⁶

Sentado num banco alto, palestrando com as luzes do auditório lançadas sobre si, de prosódia aveludada e música de fundo,²⁷ Deive Leonardo assim traz suas mensagens enfatizando “o que Deus pode fazer por você”, as quais, no seu clímax, tomam-no de profunda emoção, quase sempre levando-o às lágrimas. Antes mesmo de ter completado seus trinta anos, Deive Leonardo já era um fenômeno das redes sociais, amigo de celebridades e, contratando profissionais gabaritados para cuidar de sua carreira, mirava ainda mais sucesso pela frente.

Deve-se dizer também que o mercado evangélico tem chamado a atenção de muitos que não estão – ou estavam – vinculados ao religioso, os quais não são apenas políticos. Renomados *coaches* já começam a se aproximar do mercado evangélico. Um desses é o *Master Coach*, Paulo Vieira, criador do Método CIS,²⁸

²⁵ Em dados atualizados no dia 06 de maio de 2020 em sua conta de Instagram (*deiveleonardo*) já são mais de 6 milhões e 200 mil seguidores.

²⁶ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/veja-gente/quem-e-o-pastor-deive-leonardo-o-parca-do-bem-de-neymar/>. Acesso em: 21 jan. 2020.

²⁷ Conforme recortes de mensagens postadas pelo próprio Dave Leonardo em sua conta de *instagram* (*#deiveleonardo*).

²⁸ Na página da Febracis na internet (na opção: “Cursos”/ Método CIS), o método é descrito da seguinte forma: “O Método CIS é o maior treinamento de Inteligência Emocional do Mundo com ferramentas de coaching capazes de conduzir os participantes a eliminarem os obstáculos emocionais que os impedem de alcançar objetivos e construir um estilo de vida abundante” (Febracis, [201-]).

uma metodologia do *coaching* integral sistêmico. Conforme a Febracis diz acerca de si própria em sua página na internet, sua instituição de *coaching* “é a maior do mundo” (Febracis, [201-1]), e “Paulo Vieira: o maior e mais experiente *Master Coach* do Brasil” (*Ibidem*), além de ser o “o autor mais vendido do Brasil” (*Ibidem*).

Faz-se notar a habilidade de Paulo Vieira de mesclar suas palestras sobre finanças com citações bíblicas. Isso, inevitavelmente, tem lhe garantido muitas oportunidades para ministrar palestras, cursos, seminários, workshops, sobretudo relacionados à temática “finanças e criação de riquezas”, entre os evangélicos.

Numa de suas mensagens pregadas em Orlando, Flórida (EUA), numa igreja evangélica formada, a rigor, por brasileiros: uma filial da Igreja Batista da Lagoinha (Lagoinha Orlando *Church*), o *coach* se dirige aos fiéis dizendo: “Se Deus é bom, justo e fiel, o que te falta para prosperar financeiramente?” (*Ibidem*). Assim, Paulo Vieira desenvolve sua fala argumentando ser impossível alguém não prosperar nas finanças se crê num Deus bom, justo e fiel.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se em tempos passados os campos de concentração operavam a partir de sua velha maquinaria de assujeitamentos evangélicos explícitos, agora não mais. A biopolítica não é mais de negatividade, medo, culpa, vergonha, condenação e pecado, mas sim de prazer, êxtase e sucesso.

Embora a fé nua, em suas manifestações mais recentes, esteja operando pela heterogeneidade e diluição, isso de modo algum tem arrefecido sua insaciável sede pelo atingimento de suas intenções. Seus novos expedientes sorrateiros de sedução enfocam a individualidade mediante uma ilusão de liberdade que se constitui sob a forma de transitividade religiosa. Os novos campos de concentração do evangelicalismo contemporâneo operam pela positividade, e isso de distintas maneiras a partir de um vasto e entretido cardápio de torpor e promessas.

Por traz de tanta novidade em nome da fé alojam-se inebriantes estruturas assujeitantes que enredam com grilhões seus sujeitos fiéis e os mantêm em suspensão, destituídos de si, em sua vivência residual.

Ademais, as câmaras de gás nunca foram fechadas, apenas mutaram, trocaram de lugar. Saíram de Auschwitz e invadiram os palcos contemporâneos,

entraram na igreja e estão aí – apesar de ninguém os ter visto ou percebido, sequer notado sua presença.

Proliferam-se os *homo sacers* da fé. Eles se sentem incluídos, “livres”, andantes, são irmãos, congregam, cantam, dançam, choram, riem. Não se cansam de seus sacrifícios, divertem-se, mas nenhum sacrifício pode resgatá-los. Eles estão anestesiados, docilizados, padecem no alumbramento, dormindo o sono da alma, enquanto giram pelo vazio de seu estado de exceção, da exclusão de si em nome da fé.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Elementos para una teoría de la potencia destituyente.

Artillería Inmanente. 2016. Disponível em:

<https://artilleriainmanente.noblogs.org/post/2016/05/12/giorgio-agamben-elementos-para-una-teoria-de-la-potencia-destituyente/>. Acesso em: 09 abr. 2019.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Trad. Henrique Burigo. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III). Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

ALVES, Fernando Antônio da Silva. Incorporação ou conversão. Diálogos sobre a estratégia de confronto e o fundamentalismo religioso adotado em relação às religiões afro-brasileiras. *In*: SCHAPER, V.; OLIVEIRA, K.; REBLIN, I. (Orgs.). **A teologia contemporânea na América Latina e no Caribe**. São Leopoldo: Oikos/EST, 2008.

CARLITO PAES: Casa profética: Mensagem ministrada pelo Pr. Carlito Paes na Conferência Catalise 2019. [Locução de]: Carlitos Paes. Tubarão, Santa Catarina: Google Podcasts, 30 Out. 2019 *Podcast*. Disponível em:

<https://podcasts.google.com/feed/aHR0cDovL2F2Y2FzdC5jb20uYnlvaW5kZXgucGhwL2ZIZWQvcG9kY2FzdC8/episode/aHR0cDovL2F2Y2FzdC5jb20uYnlvP3A9MzMzNw>. Acesso em: 22 jun. 2020.

CASTRO, Edgardo. **Introdução a Giorgio Agamben**: uma arqueologia da potência. Trad. Beatriz de Almeida Magalhães. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

CORREIO BRAZILIENSE. **Pastor Cláudio Duarte faz show de stand-up em Brasília, neste sábado**: o religioso ficou conhecido por suas pregações bem-humoradas, 2019. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/11/29/interna_diversao_arte,810258/pastor-claudio-

duarte-faz-show-de-stand-up-em-brasilia-neste-sabado.shtml. Acesso em 20 jan. 2019.

DIANTE DO TRONO. Mais que vencedor. Letras. [201-]. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/diante-do-trono/1022239/>. Acesso em: 21 jun. 2020.

DUNAMIS MOVEMENT. Quem Somos, [201-]. Disponível em: <https://dunamismovement.com/quem-somos/>. Acesso em: 20 Jun. 2020.

FEBRACIS. [201-]. Disponível em: <https://febracis.com/>. Acesso em: 24 Jun. 2020.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg. A bola de neve avança, o diabo retrocede: preparando Davis para a batalha e o domínio através de um marketing de guerra santa em trânsito. **Rever**, a. 12, n. 02, p. 123-143, jul/dez. 2012.

FREITAS, Franciely Corrêa de. **A “graça” no campo da religião**: uma análise retórica da pregação de Cláudio Duarte. 2017. 101 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - UFES, Vitória, Vitória, 2017.

GIACIOIA JUNIOR, Oswaldo. Messianismo e política em Giorgio Agamben. **Reflexão**, Campinas, v. 40, n. 1, p. 7-20, jan./jun., 2015. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reflexao/article/view/3229/2140>. Acesso em: 23 maio 2019.

GOSPEL GERAL. **Urgente**: saúde impede pastor Cláudio Duarte de cumprir agendas. 2018. Disponível em: <https://www.gospelgeral.com.br/2018/11/urgente-saude-impede-pastor-claudio-duarte-de-cumprir-agendas/amp/>. Acesso 06 fev. 2019.

GUEDES, Wagner. A testemunha e a vítima: Uma leitura hermenêutica do capítulo V da obra *“Memórias de Auschwitz”* de Reyes Mate. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, v. 7, n. 11, p. 89-98, jan/jun. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/15691>. Acesso em 28 jan. 2020.

BATISTA JUNIOR, João. Quem é o pastor Deive Leonardo, o ‘parça’ do bem de Neymar. **Revista Veja**, ed. 2643, 17 jul. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/veja-gente/quem-e-o-pastor-deive-leonardo-o-parca-do-bem-de-neymar/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

MERÇON, Juliana. Foucault, Agamben e Deleuze: relações entre vida e política. **Trilhas Filosóficas**, a. 3, n. 2, jul./dez. 2010.

NEXT LEVEL. Téo Hayashi: Conferência Dunamis, 2017. Palestra (61min.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mTF2U_fZz8Y&feature=youtu.be. Acesso em: 15 Jun. 2020.

PAULO VIEIRA: Crie Lagoinha Orlando Church. Vídeo (118min). 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Al6IPn8PWeg>. Acesso em: 24 jun. 2020.

PELBART, Peter Pál. Foucault versus Agamben?. **Revista Ecopolítica**, São Paulo, n. 5, p. 50-64, jan./abr. 2013.

RUIZ, Castor M. M. Bartolomé. A sacralidade da vida na exceção soberana, a testemunha e sua linguagem: (Re) leituras biopolíticas da obra de Giorgio Agamben. **Cadernos IHU**, São Leopoldo, a. 10, n. 39, 2012.

SANTO FORTE. Direção de Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: Distribuição Riofilme e Funarte, 1998. 1 Fita de Vídeo VHS/NTSC. Documentário Brasil (80 min.).

SULS, Paulino. O que é Branding: aprenda como fazer uma gestão de marca incrível. Blog. 22 ago. 2019. Disponível em: <https://rockcontent.com/blog/branding/#:~:text=Branding%20%C3%A9%20a%20gest%C3%A3o%20de,identidade%20e%20posicionamento%20da%20marca.&text=Em%20suma%2C%20esse%20%C3%A9%20um,uma%20marca%2C%20o%20chamado%20Branding>. Acesso em: 18 jun. 2020.

Artigo recebido em: 31/07/2020

Artigo aprovado em: 02/10/2020

Artigo publicado em: 02/12/2020